

meio com os movimentos desordenados da paciente, seria enxotado. Nessa situação, a paciente se revelava interiorizada, com solilóquios, orações e gritos, implorando o socorro de Deus e dos Santos, destituída de qualquer iniciativa pragmática, acusando negativismo no tocante à alimentação, à micção e à defecação.

Luísa, com fácies móvel, a atitude instável, o vestuário bem composto, mantinha-se em satisfatório contato com o mundo exterior. Respondia, de modo coerente, às perguntas, nada acusando de anormal no concernente à atenção, orientação, memória, associação ideativa e raciocínio. Entretanto, sugestionada pelas idéias mórbidas de Terezinha, sentia-se influenciada por espíritos, acusando a *espíritopatia externa*: em função de alucinações auditivas, apenas esboçadas, afirmava perceber vozes dos espíritos de pessoas falecidas, menos nitidamente do que parecia acontecer à irmã. Não apresentava alucinações visuais: nunca conseguira sequer entrever os vultos dos espíritos. Exteriorizava as mesmas idéias delirantes de influência, supondo-se sob a ação de poderes infernais, na forma da *demonopatia interna*. Em função das alucinações motoras e cenestésicas, afirmava também sentir-se transportada até o Inferno, experimentando o contato das chamas. Empolgada pelas cogitações mórbidas, também se preocupava tão somente em ouvir as vozes dos espíritos e analisar as impressões que, no seu corpo, denunciavam a introdução do *coisa ruim* (sic), atravessando períodos de acalmia e de agitação, conforme se julgasse a salvo ou não da influência do Diabo.

Do ponto de vista demonológico, Terezinha, com manifestações indicativas de maior domínio exercido pelo Diabo, já representaria um caso de *possessão*. Luísa, menos prejudicada pela ação demoníaca, ainda constituiria um caso de *obsessão externa e interna*. De acordo com o critério psiquiátrico, Terezinha já acusaria um quadro esquizofrênico, com traços hebefrênicos e paranóides. Luísa, ao que nos pareceu, era dotada de uma personalidade histérica, que, em virtude da extrema sugestibilidade, se deixou contagiar pela sintomatologia esquizofrênica apresentada pela irmã. Terezinha, considerada em condições psíquicas mais precárias, foi internada no Instituto Prof. Pacheco e Silva, em 9-7-1947 (obs. n. 704), encetando um tratamento tônico do sistema nervoso, assim como a *convulsoterapia elétrica*. Depois de haver recebido três aplicações de *eletrochoque* e já com melhora do estado mental, a paciente foi prematuramente retirada do estabelecimento, por iniciativa da família, em 22-7-1947. Luísa, que não fora internada, havia voltado à sua casa no interior paulista e havia recuperado o equilíbrio mental, tão somente à custa de medicação sedativa e com a separação da irmã.¹⁷⁶

OBSERVAÇÃO N.º 6 — H. C., de sexo masculino, nascido a termo, em parto normal, no interior paulista, desenvolveu-se em ambiente doméstico dissociado. O avô paterno teria morrido em consequência de excessos etílicos. O pai, antes do casamento, havia abusado de álcool e, após o matrimônio, demasiado dedicado ao trabalho, mantinha-se distante dos problemas do lar. A mãe, tímida e reservada, empenhava-se nos serviços domésticos, sem quaisquer efusões de afeto. O paciente, a exemplo dos seis irmãos, frequentou o curso primário e apenas encetou o ginásial, com regularidade e sem entusiasmo. Não existia, no âmbito da família, qualquer preocupação no tocante à religião. Entretanto, o paciente, depois de haver recebido aulas de catecismo e feito a primeira comunhão, interessou-se vivamente pela vida religiosa, auxiliando o padre na realização da missa e nas demais atividades da Igreja. No propósito de adquirir independência, come-

çou a trabalhar desde muito novo, em serviços de loja e outros compatíveis com a adolescência, recebendo remunerações mínimas. Sentia-se às vezes triste, angustiado, com vontade de chorar e vagos propósitos de suicídio. Mas a religião, o seu refúgio, o amparava e o confortava.

Aos dezoito anos de idade, mudou-se para São Paulo, onde se instalou numa pensão e trabalhou no comércio. Ao influxo da cidade grande e de más companhias, entregou-se a uma *vida de perdição* (sic), deixando de cumprir os *deveres religiosos*. Para debelar as crises de angústia, tomou álcool, de preferência vermute, todas as tardes, depois do serviço, na companhia de um barbeiro, o seu maior amigo. Verificou que o vermute, mesmo ingerido em pequena dose, determinava um efeito misterioso, que lhe possibilitava perceber algo que era ignorado ao redor e o fazia sentir-se diferente, como se uma entidade sobrenatural houvesse invadido o seu corpo. A conselho do amigo, visitou um centro espírita, no objetivo de desenvolver a mediunidade. Mas, sem estar sob a ação do álcool, nada lhe sucedia de particular. Não se interessou pelo espiritismo e, na companhia do amigo, tomava todas as noites certa quantidade de vermute, descrevendo o que lhe ocorria no estado de embriaguez, na convicção de se tratar de pesquisa de máxima relevância para o esclarecimento de fenômenos sobrenaturais.

Na ambição de perceber *coisas sensacionais* (sic), o paciente, com a colaboração do amigo, realizou as investigações no quarto onde residia e com a ingestão de maiores doses de vermute. Certa noite, o paciente, vítima de intensa intoxicação etílica, declarou, alarmado, que estava avistando um vulto gigantesco, negro e indistinto. Desde então, decidiu renunciar à ingestão de vermute e às experiências, pois acreditava haver visto o Diabo. Depois de uma semana, voltou a tomar vermute, para apaziguar a angústia e satisfazer a curiosidade no tocante ao que lhe seria revelado no estado de embriaguez. De novo avistou a figura imensa e sombria, conforme comunicou ao amigo. De súbito, desatou a gritar, a agitar-se, em estado de furor. Com a intervenção dos moradores da pensão, foi contido à força e, depois de haver recebido uma medicação sedativa, por via endovenosa, ministrada por farmacêutico, adormeceu profundamente. Nos dias seguintes, esforçou-se para se manter abstermido, apesar de sentir o corpo sacudido por abalos, as mãos trêmulas, o estado de angústia e obtusão mental. Concluíra que o Diabo estava a tentá-lo, impelindo-o a abusar de álcool. No estado de embriaguez, não só o Demônio se tornava visível, mas ainda se introduzia no seu corpo, fazendo-o perder a própria consciência, conforme havia sucedido. O Diabo recorrera ao álcool para tentá-lo porque já conhecia o seu ponto fraco. O avô paterno e o pai já haviam sido alcoólatras.

Confessou-se com um padre das suas relações de amizade, sem experimentar qualquer conforto. Argumentou que o seu caso era de origem diabólica e, a seu pedido, foi submetido ao exorcismo, sem que nada experimentasse de particular. O sacerdote exortou-o a que não reincidisse no alcoolismo, pois só poderia ser agradável a Deus a vitória sobre a *tentação*, mormente quando significava a afirmação de máximo esforço de vontade. O paciente, a título de penitência, visitou todas as igrejas da cidade e depois percorreu as existentes nas localidades vizinhas, andando a pé, deixando de se alimentar, desleixando-se do traje e do asseio pessoal. De novo em São Paulo, faminto, exausto e sonolento, entrou num bar, no propósito de tomar água, e, de modo impulsivo e inopinado, pediu uma dose de vermute. Tomou várias doses de vermute e, quando sentiu avizinhar-se o estado de embria-